

A influência de Olímpia e de outros santuários pan-helênicos (in Valavanis 2004: fig.8).

Além das informações oferecidas pelas escavações arqueológicas conduzidas no sítio de Olímpia desde o final do século XIX, possuímos, entre os documentos textuais, o minucioso relato do viajante grego Pausânias, que por ali passou por volta de 150 d.C. Pausânias, em sua obra, descreve a história de Olímpia desde a sua fundação. Informações arqueológicas entrelaçam-se com os dados fornecidos pelos documentos literários descortinando um histórico do desenvolvimento do santuário de Olímpia. Sabemos, assim, que a área do santuário já era habitada no Heládico Antigo (2800 – 1100 a.C.) (cf. Yalouris 1976: 646).

É Pausânias [II.5.7] que nos conta como as lendas de Pélope e de Hércules situam-se na origem dos jogos olímpicos. Na primeira lenda, Enomau, prevenido por um oráculo que seria destronado pelo genro, desafiou os pretendentes à mão de sua filha, Hipodâmia, a vencê-lo numa corrida de carros de Olímpia até o Istmo de Corinto. Enomau recebera de seu pai Ares, deus da guerra, cavalos invencíveis e já havia derrotado treze pretendentes quando se apresentou Pélope, que subornou o auriga Mirtilo para remover os pinos dos eixos do carro de Enomau. Este foi atirado para fora do carro e morreu. Em consequência, Pélope casou-se com Hipodâmia e reinou no lugar de Enomau (Sarian 1996-1997: 50). Hércules, descendente de Pélope, deu início à prática dos jogos fúnebres em sua honra, sendo o responsável por instituir os elementos indispensáveis para a realização das Olimpíadas. Por outro lado, é o mito de Hércules que instituiu os

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		3 de 19									

jogos: Hércules Idaios vindo de Creta para cuidar de Zeus-criança, juntamente com seus irmãos Kourétes e Dáktyloi, incita seus irmãos a disputar uma corrida, depois de fixar o comprimento do estádio, coroando o vencedor com um ramo de oliveira selvagem.

Esses relatos variam conforme a ocupação do santuário por determinado período e povo. Percebemos que muitos heróis são mencionados pelas fontes textuais como fundadores dos jogos. Um dos mitos mais antigos é o do herói mítico Pélope, cuja lenda remonta ao período micênico de ocupação em Olímpia. Já a lenda de Hércules Idaios remonta ao tempo em que Olímpia manteve relações comerciais com Creta. Além da fundação dos jogos ou de certas modalidades por Pélope e Hércules, a instituição dos jogos é atribuída também aos reis de Élis e ao herói epônimo de Pisa, chamado Pisos. Como veremos mais adiante, Élis e Pisa são as duas cidades que, ao longo da história de Olímpia, disputaram a administração do santuário.

Estudos mais recentes têm mostrado como podemos também encontrar a origem dos jogos e da heroicização dos vencedores nos jogos fúnebres realizados em homenagem a um herói. Estes jogos trazem aspectos dos cultos agrários, em que vida e morte se misturam a fim de promover a fertilidade dos campos. Para os gregos antigos, a terra estava diretamente relacionada à vida, por isso enterravam nela seus mortos para que estes pudessem renascer depois. Essa é a relação entre fúnebre e agrário, entre morte e vida. Nesse sentido, o mito de Perséfone ilustra a ligação entre a fertilidade da terra e o mundo ífero, isto é, a vegetação que bebe a sua força no mundo subterrâneo, mas desabrocha e amadurece à luz (Amouretti; Ruzé 1993: 144). Perséfone, filha de Deméter deusa da agricultura, teria sido raptada por Hades, deus dos infernos, e levada por ele ao interior da terra. Deméter alegou a Zeus que se sua filha não fosse devolvida, a terra, infecunda, cessaria de produzir frutos. Assim, teria sido definido por Zeus, que Perséfone passaria todos os anos seis meses com a mãe e seis meses com Hades. Portanto, toda vez que Perséfone estivesse no mundo inferior seria inverno na terra, ficando a terra estéril e quando estivesse na terra, junto à mãe, seria primavera e verão, permanecendo a terra fértil.

Dessa forma, os ritos fúnebres se misturam em sentido e significação com os ritos agrários, configurando as origens das competições atléticas e de vários elementos simbólicos essenciais nas práticas olímpicas. Daí também a presença de um altar a Deméter no estádio de Olímpia.

Há vários elementos, especialmente no cronograma dos jogos olímpicos, que os associam a ritos de fertilidade. Sabemos que os jogos eram celebrados a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		4 de 19									

cada quatro anos, de acordo com o calendário grego baseado no mês lunar. O dia principal do festival deveria coincidir com o segundo ou o terceiro dia da lua cheia, depois do solstício de verão. Isto pode significar a assimilação de algum estágio dos jogos com ritos de fertilidade que celebravam a colheita. Outra evidência de associação com a fertilidade da terra, são os famosos ramos de oliveira selvagem utilizados para coroar os vencedores. A cerimônia de premiação seria a sobreposição de algum festival antigo realizado para promover a prosperidade das colheitas, no caso à oliva (Sarian 1996-1997: 56). Relacionar as origens dos jogos a essas práticas, que vivificavam o grupo social, amplia a compreensão das Olimpíadas.

Olímpia teve uma importante função na ordenação da sociedade grega desde o século X ou IX a.C. Serviu, provavelmente, como um local neutro de encontro para os habitantes das regiões da Messênia e Arcádia, e pode, assim, ter tido uma função importante conservando relações inter-regionais no lado ocidental do Peloponeso (Morgan 1994: 58). De acordo com os dados arqueológicos, o santuário de Olímpia, ou a área de algum culto ali, foi muito atingido na onda de destruições que assolou a Hélade em torno de 1200 a.C., o que teria provocado um retrocesso no desenvolvimento das atividades. Deste tempo para o início do século VIII a.C., o santuário gradualmente desenvolveu-se, mas suas atividades eram limitadas às áreas de Élis e, talvez, a territórios vizinhos.

Após 776 a.C., data tradicionalmente conservada de quando os jogos foram reorganizados e estabelecidos como pan-helênicos, Olímpia desenvolveu-se rapidamente e o número de terracotas e bronzes se multiplicou (Yalouris 1976: 647).

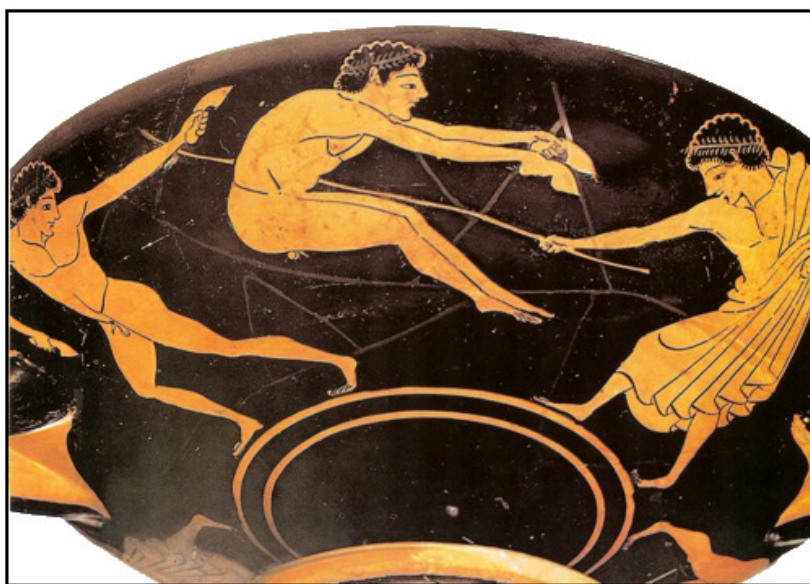
De acordo com os estudiosos, os jogos celebrados em Olímpia são os mais antigos, pois os registros dos primeiros vencedores datam do século VIII a.C. e os demais jogos pan-helênicos – tais como os jogos píticos, celebrados em Delfos, os jogos ístmicos, celebrados no Istmo de Corinto, e os jogos nemeanos, celebrados no vale de Nemeia – iniciaram-se em período posterior, ou seja, no decorrer do século VI a.C. (Andrônicos 2004: 68). Os jogos que ocorriam em Olímpia eram considerados pelos antigos gregos como os mais importantes. Sabemos disso por meio das referências textuais de que dispomos para estudar a trajetória das Olimpíadas, neste caso, temos Píndaro, que em uma de suas *Odes* comparou os jogos olímpicos “com o sol num céu sem nuvens” (*apud* Andrônicos 2004: 68).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		6 de 19									

vencendo Ares; Zeus teria instituído a luta em disputa com seu pai Cronos; Jasão teria inventado o pentatlo (os cinco jogos mais célebres da Antiguidade: corrida, arremesso de discos, lançamento de dardo, salto e luta) durante a expedição dos Argonautas. A corrida teria sido também uma instituição de Apolo disputando com Hermes, ou uma invenção de Hércules (Sarian 1996-1997: 45).



Níke, deusa da Vitória, correndo para coroar o vencedor.
Olímpia, reverso de estater de prata.

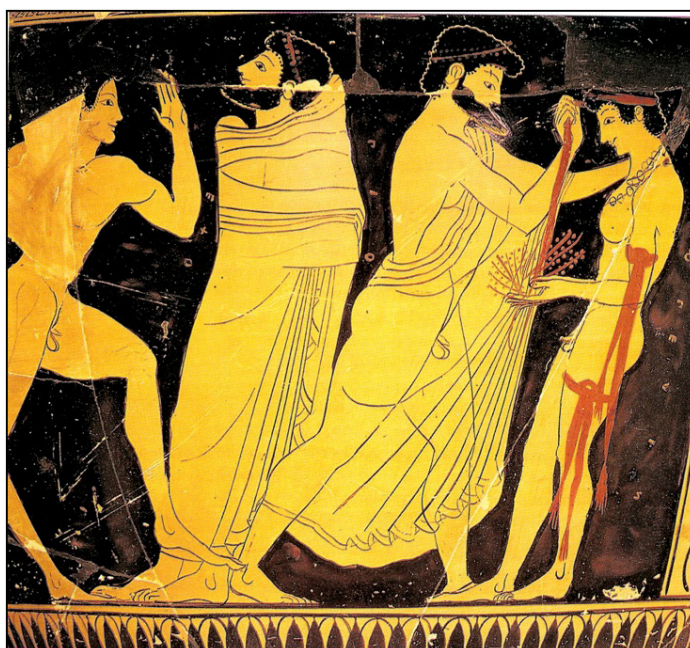


Atletas retratados durante o salto em distância. Kýlix de figuras vermelhas.
Início do século V a.C. Boston, Museum of Fine Arts (in Yalouris 2004: fig. 88).

Devemos destacar, com relação à organização dos jogos, a importância e o ritual que envolvia a coroa de ramos de oliveira selvagem, chamada pelos antigos gregos de *kótinós*. Como vimos, o *kótinós* era o único prêmio concedido pela vitória nos jogos olímpicos. Segundo uma lenda local de Élis, acreditava-se, que as árvores de oliveiras selvagens brotaram da oliveira plantada por Hércules no terreno do santuário: ele teria trazido a árvore do país dos hiperbóreos. O

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		7 de 19									

ramo de oliveira era sempre cortado da mesma antiga árvore de oliveira, denominada *kallistéphanos* (bela coroa), que crescia a direita do opistódomo do templo de Zeus. Um jovem, cujos pais ainda vivessem, utilizando uma tesoura de ouro, cortava da árvore a quantia exata de ramos equivalente ao número de competições. Com eles em mãos, esse mesmo jovem penetrava no templo de Hera e colocava-os sobre uma mesa feita de ouro e marfim. E, assim, deste local eram retirados pelos *hellanodíakai* para coroar os vencedores (Yalouris 2004: 125).




O organizador dos jogos (agonothétēs) amarra uma faixa em torno da cabeça de um jovem vencedor, que segura ramos e folhas em suas mãos. Hídria de figuras vermelhas, c. 500 a.C. Munique, Antikensammlungen (in Yalouris 2004: fig. 58).

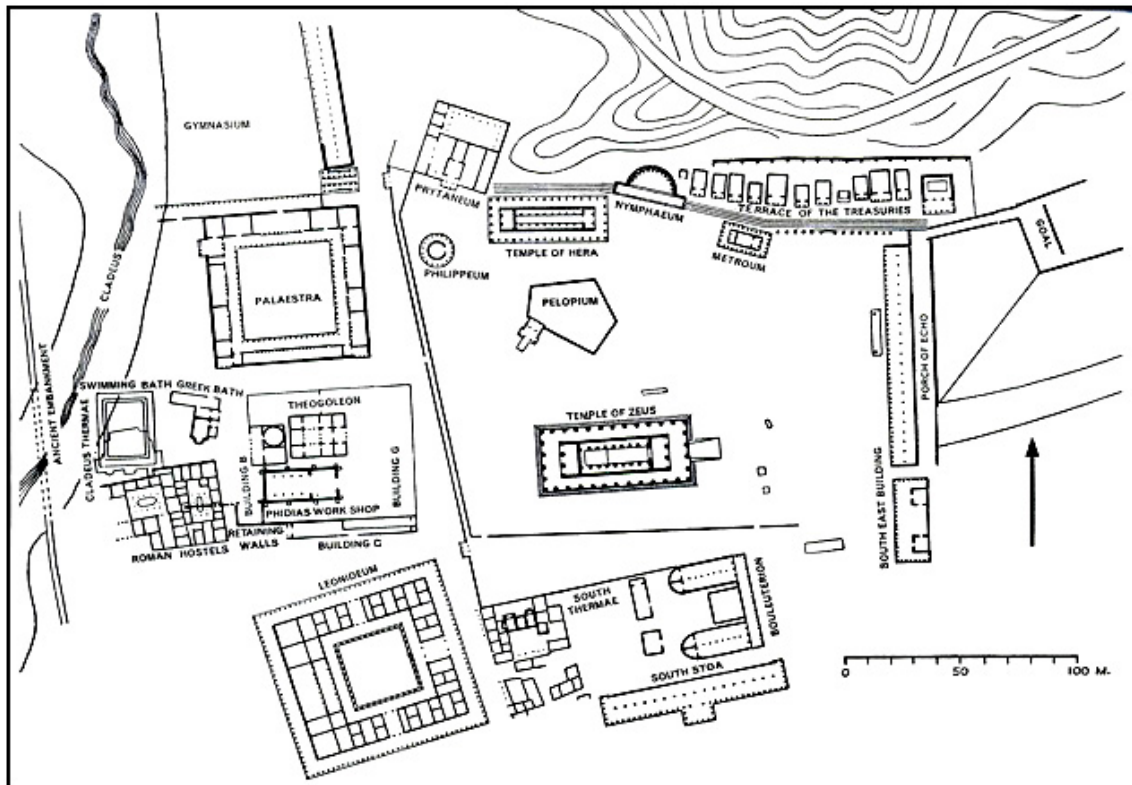
Os competidores representavam suas cidades de origem e os vencedores aumentavam, por meio de sua glória individual, a glória da cidade. Seus prêmios eram muitas vezes ofertados à pólis em cerimônias cívicas com participação da comunidade. Por meio da competição nos jogos, as cidades se identificavam, se destacavam, apareciam.

Na história de Olímpia, duas cidades da região disputavam a organização dos jogos: Pisa e Élis. Sabe-se que, originalmente, era Pisa que controlava o festival, mas a falta de documentação torna obscuro saber como Élis chegou a presidir os jogos.

Nesse sentido, após discorrermos acerca das origens e da organização

	O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		8 de 19

dos jogos olímpicos é que podemos abordar a configuração espacial do sítio de Olímpia.



Planta do sítio de Olímpia (in Berve; Gruben 1963).

A transformação do povoamento em centro religioso parece ter ocorrido durante o período micênico tardio, pois é dessa época que provêm os primeiros indícios que confirmam a existência de um culto nessa localidade. O culto em questão era o do herói mítico Pélope, pois após os estudos realizados no local, foi constatado que o culto ao herói parece ter sido a primeira atividade religiosa em Olímpia, datando o seu templo, o Pelópion, do século XI a.C. Em uma base circular de pedra embaixo das fundações do Pelópion foram encontradas, pelos arqueólogos, várias estatuetas de cavalos e aurigas. Esses achados não atestam somente a existência de um culto, mas também o fato de os jogos já serem realizados nesse período (Yalouris 2004: 95).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		9 de 19									



O aspecto atual do estádio remonta ao século IV a.C. (in Andrônicos 1993: fig.24).

Durante o período geométrico (X-VIII a.C.) e no início do período arcaico (VIII-VI a.C.), o santuário era cercado por um muro circular baixo, ou por uma cerca, e continha poucas e construções modestas: os altares dos deuses, o Pelópion e o túmulo-santuário de Hipodâmia (*Hipodameion*). Ao longo do período arcaico foi construído o **estádio**, chamado pelos pesquisadores de **estádio arcaico (I)**, que se situava ao longo do terraço dos Tesouros. O final de seu lado ocidental, onde se encontrava a linha de chegada, era aberto e defrontava-se com o altar de Zeus. Durante a fase arcaica foi erigido no santuário de Olímpia o templo de Hera, o *Heraion*. Até recentemente, prevalecia a opinião de que o templo havia sido construído em 650 a.C., contudo, pesquisas atuais revelaram que o templo em estilo dórico foi construído em uma única etapa em 600 a.C. Ele foi construído com pedras polidas provenientes da região e é um dos exemplares mais antigos da construção de templos monumentais na Grécia antiga. No século VI a.C., começaram a ser erigidos os **Tesouros** no Altis. Os Tesouros eram edifícios dedicados pelas várias *póleis* gregas e, entre elas, as colônias, com o objetivo de preservar as oferendas mais valiosas, que não poderiam ficar ao ar livre (Lévêque 1967: 237). Deve-se ressaltar que o deus não residia em

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		10 de 19									

um Tesouro, não há altar para sacrifícios e nem estátua de culto da divindade. Nesta primeira fase da construção destes edifícios, encontramos o Tesouro da cidade de Sicione. Nesse sentido, ao salvaguardar as oferendas mais valiosas das cidades que venciam nos jogos olímpicos, podemos afirmar que os Tesouros funcionavam como um marco de memória das *póleis* vencedoras nos jogos.



Cabeça da deusa Hera. Olímpia. Anverso de estater de prata. 420-365 a.C.
(in Sear 1978: fig. 2874).



Templo de Hera (in Andrônicos 1993:fig.15)

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		11 de 19									

Durante o século VI a.C., o templo construído em honra ao herói mítico Pélope, o Pelópion, foi remodelado. O muro que o cercava, originalmente circular, passou a ser pentagonal. Neste mesmo período, também, foi construído o **Pritaneu**, a sede dos prítanes (oficiais do santuário).

Desde o início dos Jogos Olímpicos, em 776 a.C., o santuário de Olímpia já possuía uma caráter pan-helênico e sua autoridade havia se difundido rapidamente tanto no Ocidente quanto no Oriente (Yalouris 2004: 81). Era natural que os jogos celebrados em áreas de santuários famosos se tornassem centros de atração, ultrapassando os limites estritamente locais e adquirissem uma importância pan-helênica (Andrônicos 2004: 68).

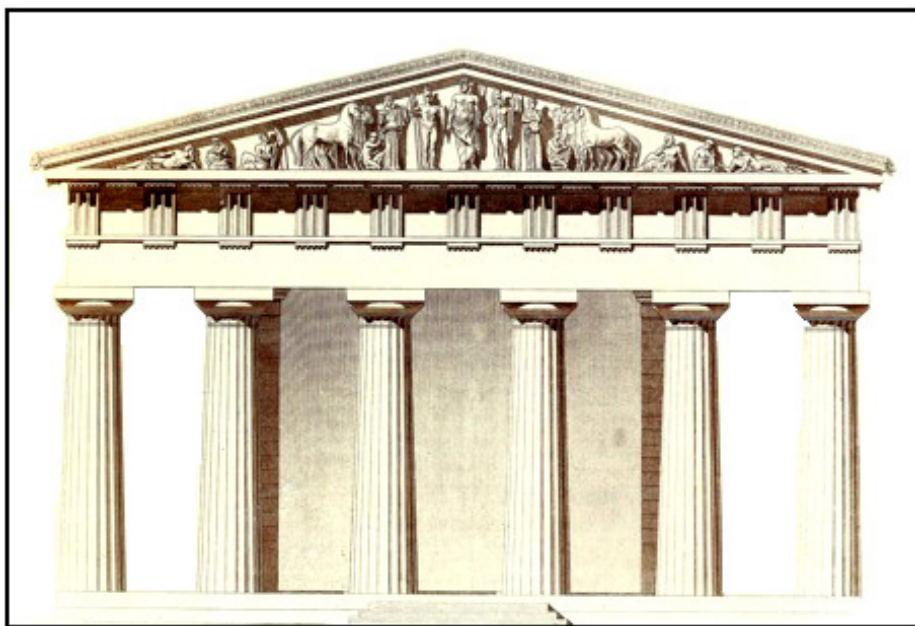
Todavia, foi justamente a partir do início do século V a.C., com a ameaça representada pelos persas, que a identidade helênica começou a se consolidar. Um sentimento de autoconsciência verdadeira, de helenidade, surgiu apenas depois da invasão pérsica. Igualmente, nessa época, a participação nos jogos olímpicos estava restrita àqueles que podiam alegar descendência helênica e é, portanto, totalmente possível que tenha sido na órbita trans-regional dos jogos olímpicos que a identidade helênica surgiu (Hall 2001: 219). Nisto residia a contribuição do santuário de Olímpia: foi nesse espaço que os helenos se conscientizaram de sua unidade espiritual, além e acima das diferenças particulares que os separavam (Yalouris 2004: 84). É claro que Olímpia não conduziu a Hélade a uma unidade política; conseguiu, no entanto, algo mais importante: a aceitação geral e a cristalização das características comuns do espírito helênico, apesar das contestações, das rivalidades e da fragmentação dos helenos, entre suas cidades hostis e isoladas.

Nesse sentido, é a partir do fenômeno do pan-helenismo que podemos definir espacialmente o santuário de Olímpia.

Foi durante o século V a.C. que o santuário de Olímpia atingiu seu maior esplendor e opulência. Foi o momento em que Olímpia começou a crescer em importância e a ser ornamentada com suas primeiras construções monumentais edificadas gradativamente: algumas delas estavam ligadas aos cultos, enquanto outras, indispensáveis, correspondiam ao crescimento e às diversas necessidades organizacionais e administrativas do santuário (Yalouris 2004: 96). Foi neste momento, também, em cerca de 470 a.C., que Élis, então administradora do santuário, emitiu suas primeiras moedas.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		13 de 19									

construção do Pártenon em Atenas (446 a.C.). Suas esculturas são os exemplos mais representativos do estilo severo da arte grega após as guerras pérsicas (Yalouris, 1976: 648).



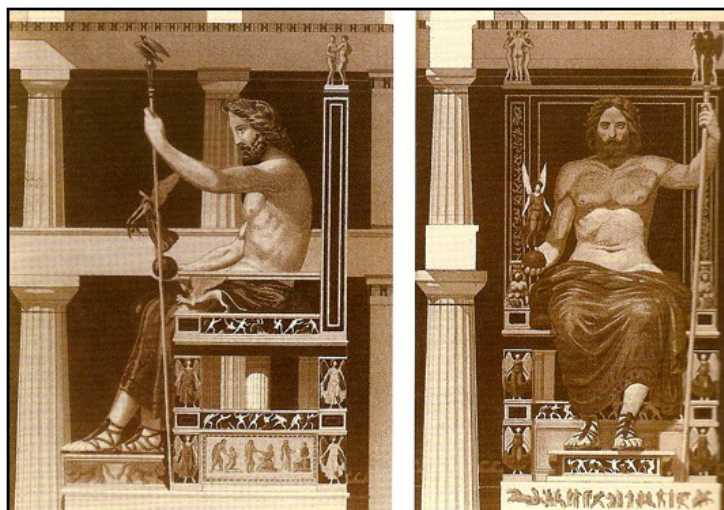
Desenho da fachada leste do templo de Zeus. Atenas, Instituto Arqueológico Alemão (in Valavanis, 2004: fig. 89).



Reconstrução do templo de Zeus. Londres, Museu Britânico (in Valavanis, 2004: fig. 81).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		14 de 19									

De fato, o templo de Zeus ficou conhecido para a posteridade pelo culto à famosa **estátua de Zeus Olímpico**, descrita por Pausânias [I.XI.2-5] e por Estrabão [8.3.39]. Obra do renomado escultor ateniense Fídias, que trabalhou em Olímpia, entre os anos de 438 e 432 a.C., a estátua feita em ouro e marfim não fazia parte do projeto original do templo. Ela tinha, em sua mão direita, a deusa da vitória Níke e, na esquerda, um cetro. A gigantesca estátua de aproximadamente 12 m de altura foi terminada por volta de 430 a.C. (Yalouris 1976: 648). Para a confecção da estátua foi construída, a oeste do templo, uma oficina, conhecida atualmente como a oficina de Fídias. Um grande número de ferramentas, ornamentos de vidro, moldes de argila e outros objetos ligados ao trabalho do artista foram encontrados ao norte da oficina possibilitando, assim, o estabelecimento da data em que a estátua foi elaborada (Yalouris 2004: 105).



Desenho de reconstrução da estátua de Zeus Olímpico. Atenas, Instituto Arqueológico Alemão (Valavanis 2004: fig. 105-106).

Além do templo de Zeus, foram construídos, no século V a.C., os **Tesouros** das cidades de Gela, Siracusa, Selinonte, Metaponto, Bizâncio e Mégara. Neste século, o **estádio (II)** sofreu novas modificações com relação ao seu posicionamento. Durante o século V a.C., também foi construído um novo **buleutério** em posição paralela ao primeiro, que data do século VI a.C. Entre os dois edifícios havia o altar de Zeus *Hórkios* (ligado a hospitalidade), ao qual os atletas prestavam juramentos (*hórkos*) exigido antes dos jogos.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		16 de 19									

separa do santuário passando a ocupar a mesma posição na qual ele se encontra atualmente. Neste período, também é construído o **hipódromo**, que ainda não foi escavado pelos arqueólogos.

Após a batalha de Queroneia, em 338 a.C., foi construído por Felipe II, o **Filipéion**, terminado por Alexandre, o Grande, seu filho. Este edifício foi erigido a partir do modelo circular de construção (como o *thólos*) que, anteriormente, possuía um caráter religioso e, neste momento, foi usado pela primeira vez, para o culto e memória da dinastia macedônica divinizada (Yalouris 2004: 107).



O Filipeion após a restauração parcial de 2004 e o Museu Arqueológico de Olímpia construído em 1887 (in Valavanis 2007: fig. 39 e 6).

O **Leonidáion** foi construído por volta de 330 a.C., ao sul da oficina de Fídias. Este edifício funcionava como uma hospedaria para os visitantes mais célebres e levou este nome em homenagem ao seu arquiteto chamado Leônidas de Naxos. Na parte oeste do Altis, próximo ao rio Cladeus – desde a origem um local de treinamento dos atletas –, foi construída a **Palestra** destinada à prática da luta, do pugilismo e do salto.

Assim, no final do século IV a.C., o santuário adquiriu sua forma arquitetônica final e definitiva. Alguns acréscimos foram feitos no período helenístico e romano, quando foram introduzidas modificações de sorte a promover adaptações à nova situação histórica da época.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		17 de 19									

O período clássico, portanto, é o momento em que se define a configuração espacial do sítio de Olímpia. Este período, para a história do santuário, representa o auge do ideal de helenidade, do verdadeiro sentido do espírito de competição e da relação do atletismo com a religião, que remonta à origem dos jogos olímpicos. Mas, também, o período clássico representa o declínio do verdadeiro espírito de competição ocasionado pelo atletismo profissional. Portanto, é o período que contém o auge e o declínio do sentido das Olimpíadas.

Em todo santuário grego, os edifícios religiosos estavam localizados na área do témeno, terreno consagrado separado dos demais edifícios por um muro chamado períbolo. Em Olímpia, o espaço sagrado também era separado pelo períbolo dos edifícios auxiliares – as residências dos sacerdotes, as casas de banho, a hospedaria, o ginásio, a Palestra – que se localizavam fora deste muro. Nesse sentido, podemos perceber que o espaço destinado às acomodações e ao treino estava separado do espaço de culto da memória dos heróis míticos e dos deuses fundadores dos jogos.

Diante disso, podemos dizer que, a cada quatro anos, os antigos gregos, no festival olímpico, reviviam e rememoravam os heróis míticos e os deuses, que fundaram as modalidades. Ao mesmo tempo, quando os gregos antigos competiam e se tornavam vencedores nos jogos recordavam as antigas divindades. Dessa forma, as *póleis* passavam a erguer estátuas de seus vencedores por todo o bosque sagrado de Olímpia, que permaneciam ao longo de todos os séculos para lembrarem as vitórias obtidas por seus heróis vencedores. E, assim, o festival cumpria o papel de renovar um ciclo de memória para os antigos gregos, quando estes, motivados pelo exemplo de suas divindades buscavam, por meio do esforço físico, a vitória nas provas com o intuito de seus feitos permanecerem para a posteridade.

O fim das atividades em Olímpia veio durante o período bizantino, entre 393 – 394 d.C., com o decreto do imperador bizantino Teodósio I, que proibiu cultos em santuários pagãos. Em 426 d.C., um édito de Teodósio II causou a ruína dos monumentos do Altis, junto de dois terremotos violentos em 522 e 551. No século VI d.C., existia um pequeno assentamento cristão em Olímpia e a Oficina de Fídias foi transformada em igreja cristã (Yalouris 1976: 649).

Foi no século XVIII, que colecionadores de antiguidades tiveram o interesse despertado por Olímpia, quando tomaram contato com a detalhada descrição do santuário grego legada pelo viajante Pausânias. A primeira sugestão para uma expedição foi feita em 1723 por Montfaucon, que tentou apoio do Cardeal Quirini, então arcebispo de Corfu, para empreender a exploração do sítio. Poucos anos

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		18 de 19									

depois a ideia foi reavivada por Winckelmann, em empreender uma escavação com cem trabalhadores no estádio, mas ele morreu antes de poder ver seu plano cumprido.

A primeira escavação, de fato, foi realizada em 1829, pela expedição francesa intitulada *Expédition Scientifique de Morée*, a qual fez um exame minucioso do Templo de Zeus e da igreja bizantina (construída sobre a oficina de Fídias). Em 1876, Ernst Curtius, F. Adler e Dr. Busch, iniciaram um trabalho sistemático, em Olímpia, patrocinados pelo rei Frederico Guilherme IV. Dörpfeld, convencido do caráter pré-histórico do santuário, iniciou em 1905 uma série de escavações. Os arqueólogos mais eminentes da Alemanha participaram, em diferentes épocas, dos trabalhos nas escavações deste sítio e, na história da Arqueologia, as escavações em Olímpia ganharam destaque como exemplo de avanço da metodologia de campo.

Fontes Textuais

PAUSÂNIAS.

1954. *Description of Greece*. tradução de W.H.S. Jones e H.A. Ormerod. Londres: William Heinemann; Londres: Harvard University Press.

Referências Bibliográficas

AMOURETTI, M.; RUZÉ, F.

1993. *O mundo grego antigo: dos palácios de Creta à conquista romana*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

ANDRÔNICO, M.

1993. *Olimpia, il sito archeologico e il museo*. Atenas: Ekdotike Athenon.

2004. Os jogos pan-helênicos. In: Yalouris, N. (org.): *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus.

BERVE, H. GRUBEN, G.

1963. *Greek temples, theatres and shrines*. Londres: Thames and Hudson.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										O Santuário de Olímpia	Fev / 2010
labeca		19 de 19									

HALL, J.

2001. Quem eram os gregos. *Revista do MAE*. São Paulo, 11: 213-225.

KYRKOS, B.

2004. O desenvolvimento do atletismo nos períodos helenístico e romano. In: Yalouris, N. (org.): *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus.

LÉVÊQUE, P.

1967. *A aventura grega*. Lisboa: Edições Cosmos.

MORGAN, C.

1994. *Athletes and oracles – The transformation of Olympia and Delphi in the eighth century B.C.* Cambridge: Cambridge University Press.

SARIAN, H.

1996-1997. Culto heróico, cerimônias fúnebres e a origem dos jogos olímpicos. *Clássica*, São Paulo, 9/10: 45-72.

SEAR, D.

1978. *Greek Coins and their values*. Londres: Seaby.

STILLWELL, R.

1976. *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton: Princeton University Press.

VALAVANIS, P.

2004. *Games and sanctuaries in Ancient Greece – Olympia, Delphi, Isthmia, Nemea, Athens*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum.

2007. *Great Moments in Greek Archaeology*. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2007.

YALOURIS, N.

1976. Olympia. In: Stillwell, R. (ed.): *The Princeton Encyclopedia of Classical Sites*. Princeton: Princeton University Press.

2004. *Os jogos olímpicos na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus.